



Beto Vianna

**A incrível história de Inécio Início,
Golias Gail, Papudo Pipeta, Rodrão
Rodinha, Uiraldo Uiruca e de uma sexta
personagem de quem nada se saberá
nunca**

Esta é a incrível história de Inécio Início, Golias Gail, Papudo Pipeta, Rodrão Rodinha, Uiraldo Uiruca e de uma sexta personagem de quem nada se saberá nunca. Mas como se trata de uma história, e história é coisa séria (mesmo se for incrível), é melhor a gente começar de uma vez pelo princípio, dizendo talvez, como manda o figurino, “Era uma vez”.

Era uma vez, na mesma galáxia em que nós vivemos, mas num tempo muito mais interessante, em que as formigas eram do tamanho de pessoas e as pessoas eram do tamanho de formigas, cinco meninos que viviam quase todo dia felizes, sempre nus e pelados e sem roupa nenhuma por cima ou de baixo, numa floresta pra lá de maluca: Inécio Início, Golias Gail, Rodrão Rodinha, Papudo Pipeta e Uiraldo Uiruca. É preciso saber que na tal floresta não havia gente-meninas nem outros bichos. Eram só e somente só os cinco meninos-gente na selva todinha: Inécio Início, Golias Gail, Papudo Pipeta, Uiraldo Uiruca e Rodrão Rodinha.

Pra reinício de conversa, comecemos pelo Início. Inécio Início, menino de firmes princípios, era logo de cara o mais principal. Sempre começava as brincadeiras e nunca chegava ao final. “Os começos justificam os meios”, dizia já de saída, dando entrada em seus comícios, o adiantado Início. Levava esse lema bordado no lado primeiro de um lenço, de tanto que sentia apreço, o intrépido menino Inécio, pelo primado do início. Imprevisível e temperamental, impávido, imponente e parcial, o impetuoso Inécio Início já nasceu dando partida na largada inicial.

Já Golias Gail, taí um guri nada frugal. Engolia de tudo muito, e gastava num gesto só o que grassasse no galho, ou germinasse na grama, do generoso



quintal: goiaba e gabirola, groselha e graviola, guaraná e guacamole, até galinha, tadinha, punha Gail de um golpe na goela que ele tinha (mas não carece ter pena do destino da franguinha: por sorte nessa floresta, como eu já disse lá pra trás, não havia outros animais, só os cinco meninos-gente, e assim o guloso Golias por certo que deglutira guloseima de outro gosto, pensando ter garfado, e nisso estava enganado, galo por lebre, o coitado).

E o Rodrão, não sabe não? Não é à toa nadinha que o Drão (seu outro apelido) no sobrenome mantinha esse nick de Rodinha. Girava o Rodrão, piruetava o Rodrão, rodopiava o Rodrão, arrastava seu pé de valsa na vasta poeira do chão, revolvía o corpo de baile, ao som das baladas que ouvia, no solo do verde salão. Era quadrilha, era catira, era xote e maracatu, era maxixe e samba-rock, foxtrote e toca Raul, na polca, no mambo bambo, na rumba, no frevo e forró, no baião se embolava o Rodrão, rolando a rodinha do pé nas rodas de carimbó.

Papudo Pipeta, por onde pisava, pomposo portava, na pasta pesada, lápis, pena e pincel, cavalete, paleta e lixa, brocha, plaina e cinzel. Apertava os olhinhos turvos pro lado de tudo e de todos, e com os pés e mãos bem precisos, prensava uma argila, pintava um retrato, pichava a parede e plasmava um postal (um perfeito Picasso primal, pescando com paixão animal a primitiva paisagem da própria selva natal). Poxa, Pipeta, que estátua porreta, que graça, que ar! Tão plena, pulsante, tão prenhe de prosa, só falta falar!

E por fim, mas não finalmente, somente contando um instante pensante pra ver como a mente que a gente imagina, dormente por dentro do corpo da gente, faz gato e sapato do mundo envolvente, eis aqui o doidão, o viajante incandescente, o viajandão, o maluco ascendente, o esotérico contemplativo, o reflexivo filósofo ativo que lava com água corrente a raiz da razão, o que tateia os odores ocultos, enxerga o silêncio e no escuro escuta, o que toda palavra calada cutuca, o louco varrido, o onisciente corpinho lelé da cuca, presente em um menino que eu disse ser gente: Uiraldo Uiruca.

Apresentados os cinco meninos-gente, por ordem de chamada e em fila decrescente, que a história prossiga em estilo narrado, pra ver se de fato o enredo revela (ou enterra, ao contrário, no fundo profundo do centro da terra) um segredo mantido pra sempre escondido.

Um dia de sábado quente à tardinha e o céu bem anil, Início Início, Papudo Pipeta, Rodrão Rodinha, Uiraldo Uiruca e Golias Gail brincavam num lago chamado Brasil. E viram saindo das águas leitosas do lago encantado um ser bem bizarro que era deveras distinto na forma, pois seguia dos corpos meninos a norma em quase tudinho, mas não nos detalhes.

- Início Início, pergunta o Uiraldo, que vulto é aquele saindo do lago?
- Golias Gail, pergunta o Papudo, já viu coisa assim mais estranha no mundo?



- Rodrão Rodinha, pergunta o Inécio, e se for perigoso, como é que eu faço?

- Uiraldo Uruca, pergunta o Golias, sabendo o que sabes, o que me dirias?

- Papudo Pipeta, pergunta o Rodrão, será um pássaro? Será um avião?

Inécio e Golias nem bem refletiram e já tinham formado, do ser avistado, uma opinião: era uma miragem, um fantasma ou visão, que surge pros olhos sem pedir licença, feito assombração. Pensavam diverso Papudo e Rodrão: se vimos no ato, o caso é de fato e merece atenção. Se somos sozinhos num mundo tão grande, não seria o caso de haver outro, não?

- Haver outro mundo? Pergunta Inécio, com o queixo na mão.

- Ou haver outro alguém neste mundo, responde Rodrão.

- Alguém como nós, ou alguém diferente? Pergunta Papudo.

- Talvez outro bicho! Talvez outra gente! Arrisca Golias, palitando o dente.

Calma, calma, irmãozinhos, isso é precipitação, disse Uiraldo em som ritmado de bom tom conciliador. Não é disso que se trata o ser que a nós se apresenta. É por enquanto um nada, ainda não é uma coisa nem outra, e nem é isso ou aquilo, neste instante preciso. Merece o assunto futura pesquisa, e só depois do caso muito bem investigado, cada fato arrolado pra posterior dedução, toparemos ao fim e ao cabo com a esperada solução. Já pensaram em perguntar, diretamente ao sujeito, se ela enfim tem sentimento, se ela é alma, carne ou sonho, se ela é um fruto da natureza, ou um produto bem feito pela nossa imaginação?

Vamos perguntar então, decidiram os irmãos. E em unísono Inécio, Golias, Papudo e Rodrão, mais Uiraldo ajudando a aumentar o vozeirão, as cinco boquinhas juntadas perguntam de uma só vez, ao ser que estava no lago: afinal, quem é você?

A menina-gente respondeu, com a voz forte que Oxum lhe deu, não é da conta de vocês, quem eu sou ou quem não sou eu. Se sou filha de Iansã, se me deu à luz Iemanjá, sabe-se lá amanhã, claro está? Pronto, calei: não ia dizer mais nada, nem por bem e nem tanto por mal, e se acaso os meninos com aquilo se incomodassem, que por favor se retirassem para outra história e tchau! Dita e ouvida a sentença, nada mais havia a fazer, para os cinco meninos-gente, que enfiar a viola no saco e desistir da operação, bem pensada e planejada, de descobrir pelo meio eficaz da interrogação, que ser era aquele no lago que desafiava a razão.

Pois assim são os mistérios e pra sempre assim devem ser: se soubéssemos decifrar, se pudéssemos adivinhar, se conseguíssemos dar ao mistério sua total explicação, que graça ele iria ter? Quem levaria a sério, nesse mundo já meio bobo, um verdadeiro mistério, se dele mais nada sobrasse, pra contar na sobremesa, que um punhado de certezas, com gosto de palha azêda? Que seria dos assombros, dos sussurros, dos segredos, daquele frio na espinha (que sempre acompanha o medo), dessa sensação gostosa, que é não saber a história antes dela terminar?



E então, se você não se importa, vou deixar tudo como está, sem mais um A nem um B, e se apertar a curiosidade, se rolar uma insatisfação, uma baita ansiedade, das que não dá para conter, vou deixar meu feicebuque, meu email e uátizap, e você por favor me contate, que eu conto o final com prazer.

Um grande abraço, e até mais ver.

